Aveiro, 30 de Junho de 1962 • Ano VIII • N.º 401

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS

PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS EM «A LUSITÂNIA» RUA DE HOMEM CRISTO, 17-25 TELEFONE 23886—AVEIRO

despreocupação...

«EL CID»

PELO DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

O Cid não é um mero personagem criado pela fantasia ibérica. Foi um herói de carne e osso, por sinal carne e osso bem castelhanos, batalhou constantemente contra os mouros e atribuem-se-lhe inumeráveis façanhas, umas verídicas e outras lendárias. E' a personificação da Espanha, a que luta pela sua fé, pela sua unidade e pela sua liberdade. Ao passar da História para as obras de ficção literária — o *Poema de Mio Cid* e os numerosos romances compostos em sua memória e que formam o chamado *Romancero del Cid*, o horói transformou-se no símbolo duma raça e dum povo. O Cid encerra em si todos os atributos de coragem, de virilidade e de orgulho, próprios do carácter ibérico. Ele os leva no seu sangue e nele se vê retratado o espírito duma nação inteira. Não só o Cid de «Las Mocedades», protagonista o mais das vezes altaneiro e provocador do Romancero, mas valente e decidido sempre para a luta como se a vida não fosse senão um constante guerrear, sem descanso, mas também o próprio Cid do *Poema* primitivo, já maduro nos anos e na experiência, valente e terno, herói que faz da luta um meio «para ganhar o pão», sem que isto deminua o valor das suas gestas e a sua grandeza moral. O Cid, herói castelhano, vem a ser, assim, símbolo — dentro e fora de Espanha — do valor, da força física, da fidelidade e da grandeza de alma.

E' acima de tudo, a encarnação da Espanha medieval e cristã, e na sua vida, como o assinou Ramón Menéndez Pidal, reflectem-se as condições que caracterizavam a Espanha daquela época: a divisão da Península em vários estados ou reinos; a compenetração entre cristãos e

Continua na página 6

A Mensagem do Lusíada

ANTÓNIO NOBRE

POR RIBEIRO COUTO

2

COIMBRA não fez mais do que chocar a sensibilidade, já de si tão fina e dolorosa, do estudante do Porto; ao invés de ambiente de poesia e idealismo, só viu sebentas insossas, lentes carranças e rapazes hostis; nenhum guia para as ansiedades da sua alma, para as curiosidades do seu espírito, a não ser o pobre do António Fogaça, logo falecido: «*Era ele o único espírito claro e guiador que poderia alumiar a minha estrada de bacharel*».

São desse tempo, por isso, os terríveis estados de alma que outro amigo íntimo, Eduardo de Sousa, testemunhou: «*Febres de criação eu surpreendi, comas de desalento, crises de esterilidade que vezes tantas o prostravam*».

Não obstante essas quedas, esses desesperos, a natureza saudável do poveiro, que era António Nobre, mantinha a sua vida numa atmosfera clara, sem vícios, alheia por instinto aos famosos paraísos artificiais dos mestres estrangeiros. Não foi buscar às drogas inspiração ou esquecimento. «*Nunca me apeteceu tanto Leça — ar puro Paz, Mar...*», escrevia ele de Coimbra. A convivência com as famílias inglesas do Porto, da Foz e de Leça, a atracção platónica pelas misses — entre as quais a Charlote, a que alude tantas vezes na sua correspondência, Charlote que era simplesmente uma nurse a empurrar pela praia a carriola com dois bébés doirados —, a imitação da elegância britânica, até mesmo uma certa obsessão de Brummel, tinham-no preparado para o extraordinário encanto que foi encontrar na leitura das «Notas sobre a Inglaterra», de Taine, e nas «Sensações de Oxford», de Paul Bourget.

Ao seu amigo Alfredo de Campos (3 de Maio de 1890) escrevia então António Nobre. «*Aquela vida inglesa tão recta, originalíssima, que faz corpos como o de Apolo e fez o maior poeta do Mundo, como é diferente da que leva há um punhado de séculos a Nossa Senhora Raça Latina, fazendo blagues, comendo macarroni, correndo los toros... copiando tudo isto! Lê o Taine. Ficas encantado com aquele país: — com a sua ordem e asseio, com os seus lares, com as suas Universidades. O único país que tem a linha.*»

Até nos mais mecânicos ingleses do Porto, comerciantes de vinho, o poeta sentia a «originalidade» que o seduzia: «*Nunca observaste, em Leça, a colónia medíocre da grande Ilha-Fria (?). Não achas nesses simples comerciantes, muitos deles estúpidos, por certo, e más-Almas, talvez, — um Ar, um quê diferente dos nossos compatriotas, sempre de côco, ainda com a poeira do «americano», fazendo má figura na Água, à hora do banho, não tendo firmeza nos pés com que andam, não alevantando mais a cabeça, como quem amargamente cisma que já não é quem foi?... Oh! a Renascença...*»

Esse fragmento de carta íntima é importante para a compreensão da mensagem de António Nobre, isto é, da sua obra futura do «Só» e do «Desejado». Já aí se delineia o seu secreto ideal humano, que é também um ideal de energia: ou seja, um ideal clássico português. O apelo às forças da raça antiga não deixa margem à menor dúvida. Temos aí a primeira palavra da sua mensagem de lusíada: Renascença.

Com ironia acrescenta António Nobre, nessa mesma carta, que a Inglaterra, «*segundo dizem os periódicos*», «*nos fez muito mal e continuará, mas ele lho perdoa «porque admite e proclama o sturggle for life*».

Continuana página 2

UM VELHO PROBLEMA

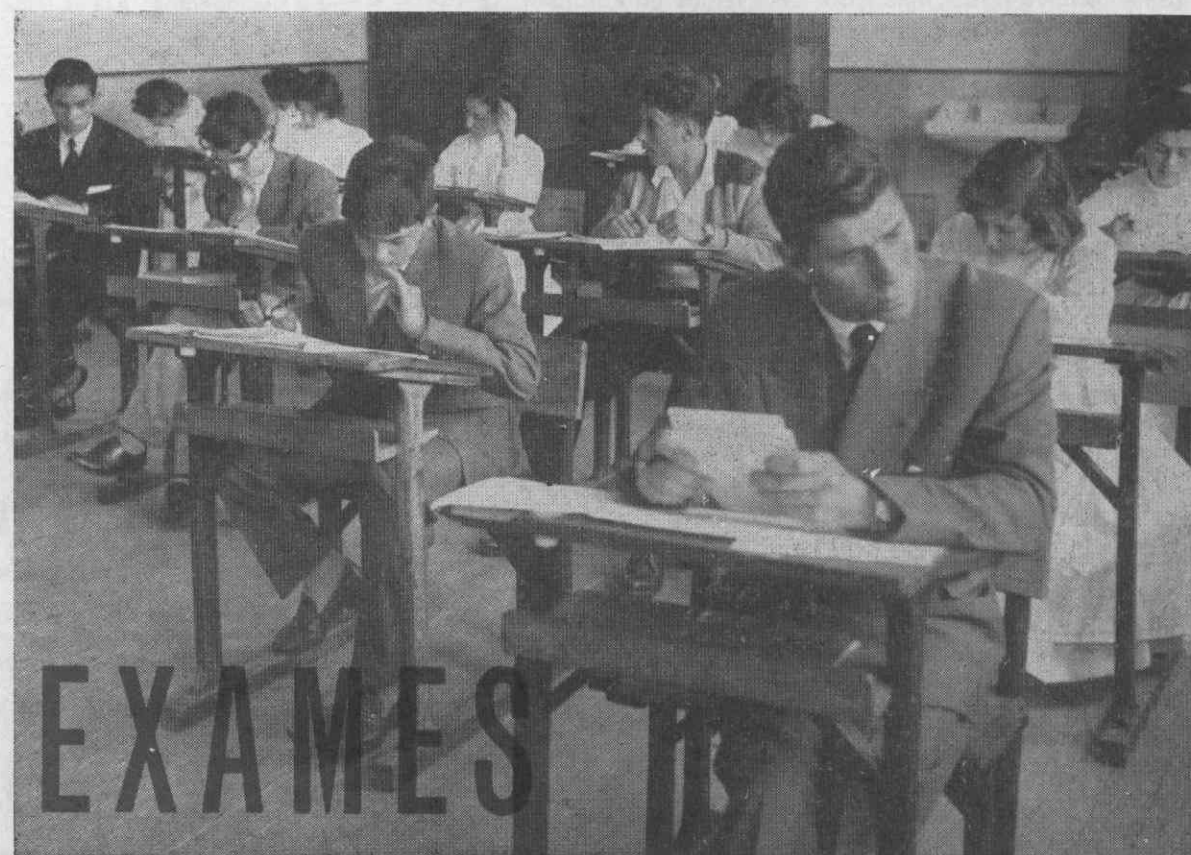
POR JORGE MENDES LEAL

ASSISTIMOS recentemente, em Lisboa, à exibição de «Dom Roberto» — filme que representava uma fundamentada esperança para quantos ainda acreditam no cinema português. O nome de Ernesto de Sousa, como responsável pela realização, dispensa novos encómios, porque se afirmou desde há muito no sector mais válido da nossa cultura cinematográfica; e assim nos atrevemos a supor que, desta feita, iríamos presenciar qualquer coisa de encorajante, qualquer coisa que de longe transcendesse o deficitário panorama fílmico nacional.

Na verdade, «Dom Roberto» não atraiçoa a pureza das intenções dos que o fizeram, nem desonra o potencial de ideais daqueles que, saturados de «Costureirinhas» e «Passarinhos», ambicionam um futuro menos comprometido para o cinema lusitano. Mas foi para nós, apesar de tudo, uma desilusão amarga, provocando-nos um súbito acordar de consciência perante certas realidades difíceis de superar. Trata-se, do ponto de vista técnico, dum filme pouco mais do que incipiente — ou, pelo menos, dum filme conseguido só numa diminuta parte dos seus louváveis objectivos. E daí a nossa mágoa, radicada no desejo de ver por uma vez resolvidos os problemas liminares duma Arte que, entre nós, se tem arrastado ao longo de ínvios caminhos e sofrido os tratos selváticos de meia--dúzia de oportunistas ignorantões.

Cremos nos homens que, sem dinheiros de bolsa vil e ajudas de estalo, realizaram o discutido «Dom Roberto». E

Continua na página 7

...preocupação

A Mensagem do Lusíada

ANTÓNIO NOBRE

— Continuação da primeira página —

Admira os fortes, os que são capazes de luta, com corpos robustos e ideais robustos. Escreve: «*O melhor organismo da Europa, a Inglaterra.*»

Em 1890, depois de dois repetidos insucessos nas «escuras matas» do curso jurídico, António Nobre foi para Paris, a fim de conquistar na Sorbonne o diploma que se lhe esquivava em Coimbra.

Já sabemos quanto a sua natureza é «*cheia de suscetibilidades subtis*» conforme a expressão de que usa José Régio no estudo que faz do poeta no livro «As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa»; conhecemos também o seu «*ingénuo, requintado e apaixonado narcisismo*» de «*prince estilizado de spleen*», as suas manias estéticas, as suas poses, o seu horror à vulgaridade, o seu instinto de adesão ao povo (mas só ao povo português), enfim aquelas marcas tanto subjectivas como exteriores da sua superioridade. Dói-lhe sentir-se infeliz, mas essa dor exalta o seu orgulho, é um motivo a mais para a sua atitude solitária.

O Bairro Latino foi uma decepção maior do que Coimbra, não uma decepção pueril de aristocrata melancólico que se sente detestado pelos rapazes das tabernas, mas já agora uma decepção universal, pelas grosseiras realidades, pelas irremediáveis asperezas do mundo, com as quais foi ter contacto. Sempre houve nele uma candidez, uma pureza toda feita de pudor e sobressaltos. Sua correspondência mostra-o sempre preocupado com questões de reserva, de discrição, de melindres, de delicadeza, de mistério, como quando, em 1896, do sanatório de Davoz-Platz, escreve a Augusto Nobre, pedindo-lhe para reunir, empacotar e devolver à noiva, à Purinha de «Só», Dona Margarida de Lucena, as cartas que guardava dela, fechadas a chave, numa cómoda em casa do irmão: «*Depois de verificares uma por uma — logo conheces pela letra do envelope — i-las-ás dispondo em maço (ou maços) elegantemente e com a maior distinção, embrulhadas primeiro em papel de seda branco e lacrado, e exteriormente novo papel, mas esse forte, almaço, branco, mas sem riscas. Tudo lacrarás e envolverás em fio — e registradas. Peço-te a maior delicadeza*». Ou então como quando, no ano anterior, do mesmo sanatório, participava ao irmão que ia colaborar no jornal «O País», do Rio de Janeiro, a 25$00 por artigo (moeda brasileira), recomendando-lhe: «*guarda e guarda sempre absoluto segredo, excepto família. Seja a quem for, mesmo dos maiores dos teus amigos, ou meus. Não me dês o desgosto de não cumprir*».

«*O seu isolamento* — pensa João Gaspar Simões — *não era uma atitude: o seu isolamento era uma condição natural de vida.*» Mas, atitude ou não, em Paris esse isolamento irá adquirir, de súbito, um sentido épico e amoroso — o sentido lusitano da ausência. O heroísmo, raiz específica do carácter português (geogràficamente formulado por duas presenças inquietantes, Castela e o mar-bravo) só na ausência encontrou seu clima de expansão vital. Os altos trabalhos que o povo lusitano, desde que se definiu como nacionalidade, começou a empreender em benefício da civilização — a conquista da África, a procura do caminho marítimo das Índias, as guerras contra reinos orientais, as missões religiosas, o comércio da pimenta, a descoberta e a colonização do Brasil, e até certo aspecto errante e devassador que tomou a sociedade colonial na América Portuguesa, com as bandeiras paulistas de irresistível expansionismo económico e político — são trabalhos de ausentes.

No expatriado, a falta do solo materno já não tardará a despertar uma força latente, a sua capacidade de epopéia. De resto ao perder contacto com o chão peninsular, o português parece que o carrega consigo — ou qualquer coisa que desse chão emana; por toda a parte onde vai, na África, na Ásia, na América, constrói com o mesmo estilo os muros da casa, da fortaleza, da igreja; reproduz o mesmo burgo lusitano entre infiéis ou selvagens; fala aos filhos na mesma língua; reza aos mesmos santos e canta as mesmas melodias.

Será demasiado chamar a essa lei de constância: o sentido construtivo da saudade portuguesa? Se o português não tivesse os olhos da nostalgia sempre voltados para a paisagem do concelho, para o largo da matriz da sua vila, para o mar tempestuoso da sua costa, e se lá não tivesse deixado «a sua mãe velhinha»; se ele não fosse, como tipo de carácter humano, o exemplo do indivíduo fiel ao seu chão, ao seu sangue e à tradição particular da sua cultura, não veríamos hoje, espalhados em desertos areais ou ínvias florestas, esses poiais de pedra, essas paredes de adobe, essas austeras ruinas de fortins e conventos que reproduzem exactamente fortins e conventos de Portugal. O espírito de ausência é que nos inspirou.

Ao toque da ausência, isolado no tumulto de Paris, António Nobre sentiu o seu génio criar forças — sentiu-se português. Não se rendeu a influências de livros ou pessoas. Das escolas poéticas francesas de então, que poderiam impressionar o seu temperamento de híper-sensível, não aceitou senão elementos exteriores, efeitos de imagens, de vocábulos, de ritmos ou de disposições métricas, a que ele daria, aliás uma expressão toda sua, a sua marca inconfundível. «*Nobre entrava afoitamente no mundo até aí considerado impróprio da poesia: o cotidiano, a realidade trivial, os nomes comuns, as evocações prosáicas*» — escreve João Gaspar Simões.

Serviu-se de uma realidade poética total, criou para as suas litanias uma espécie de ordem rítmica desordenada, encorporou a documentação folclórica dos reminiscências à sua iluminação interior, criou um plano poético em que o substrato popular nos modos de sentir ou de dizer domina até mesmo as imagens erúditas:

> ...O olhos, Portas
> Do céu! Olhos sem bulir como águas mortas!
> Olhos ofélicos! Dois sóis, que dão sombrinha...

Frases que toda a gente já ouviu, fragmentos de conversa, diálogos domésticos irrompem a cada instante e enquadram-se, harmoniosos, no poema:

> O João dorme... (Ó Maria,
> Dize àquela cotovia
> Que fale mais devagar:
> Não vá o João acordar...)

Se nas noites de chuva do Bairro Latino às vezes se lamenta, não é arrependido, é para pensar em aventuras ainda mais enérgicas:

> Ai do Lusíada, coitado...
> ....
> Que triste foi o seu fado!
> Antes fosse p'ra soldado,
> Antes fosse p'ro Brasil!

Sem a nostalgia, a atmosfera da ausência (passava dias inteiros fechado no seu quarto parisiense), António Nobre não teria sentido aqueles «instantes de Camões» que o fizeram escrever o mais português de todos os livros do nosso tempo.

O «Só» apareceu em 1892, no mesmo ano em que Guerra Junqueiro publicou «Os Simples». Discutiu-se então qual dos dois exercera influência no outro, o que trouxe bastantes mágoas ao sensível António Nobre.

Guerra Junqueiro jactou se numa carta: «*Que o «Só» alguma coisa deve aos «Simples», é inegável. Que «Os Simples» nada devem ao «Só», inegável é também*».

Mas António Nobre não precisa ter lido «Os Simples» para achar o caminho da sua poesia — renascimento da confiança, regresso à energia do povo lusitano — porque já sabemos quanto êle, desde adolescente, estimava o convívio do povo, da gente dos campos e do mar: «*Oh! a palestra dos Simples!*»

Nos poemas do «Só», o poeta reconstrói os seus paraísos portugueses, os paraísos da infância e das aldeias natais.

> Menino e moço tive uma Tôrre de leite,
> Tôrre sem par!
> Oliveiras que davam azeite,
> Searas que davam linho de fiar,
>
> Moinhos de velas, como latinas,
> Que São Lourenço fazia andar...

Tão rica de lirismo se lhe afigura essa matéria portuguesa, que chega a limitar-se à enumeração de nomes de lugares, profissões ou pessoas, episódios de lavoura ou de pesca, procissões, misérias ou folguedos.

O milagre poético está na fôrça com que esses elementos se condensam, misturados por vezes (curiosa persistência) a imagens que conhecíamos de poemas anteriores, como nestes versos da Lusitânia do Bairro Latino:

> Conventos dóguas do Mar, ó verde Convento,
> Cuja Abadessa secular é a Lua
> E cujo Padre-capelão é o vento...

Nessa elegia parisiense utiliza-se ainda de outras imagens também já empregadas nos versos de Coimbra:

> Água salgada desses verdes poços
> Que nenhum balde, por maior, escua!

Agora o seu lusitanismo de ausente ergue o tom de amorosa saudade até a lamentação trágica:

> Ó mar jazigo de paquetes, de ossos,
> Que o Sul, às vezes, arrola à praia:
> Olhos em pedra, que ainda chispam brilhos!
>
> Corpo de virgem, que ainda veste a saia,
> Braços de mães, ainda a apertar braços de filhos.

É a costa de Leça, é a paisagem dos naufrágios, tão familiar aos seus olhos de desterrado. Paisagem que ele descreve pelo processo de enumeração toponímica — as ermidas da Boa Nova e do Senhor de Areia, as povoações de Roldão, Perafita e Gonçalves, a fonte da Amorosa, a praia da Memória. E a infância revivida arranca-lhe esta interrogação, tão dolorosa na sua insistência de estribilho:

> Onde estais, onde estais?

Vêm a seguir as

> ... lanchas dos poveiros...
> A saírem à barra entre ondas e gaivotas!

Depois, as romarias nas aldeias de terras adentro, pelos arredores do Porto:

> Georges, anda ver meu país de romarias
> E procissões!

Do meio do povo sobem os pregões, que o poeta reproduz, à solta, na sua pureza e força realística:

> ...Laranjas! Ricas cavaquinhas!
> Pão-de-ló de Margaride!
> Água fresca de Moirama!
> Vinho verde a escorrer da vide!

Mas não são apenas os alegres rapazes e as lindas raparigas que dançam de roda ou que folgam a cantar; o poeta vê de repente a turba dos mendigos, dos doentes, dos aflitos, dos monstros e dos aleijados:

> Todos, à uma, mugem loucas ladaínhas.
> Trágicos, uivam «uma esmola p'las alminhas
> Das suas obrigações!»

Visão popular de quermesse pitoresca e macabra, como nos quadros de Breughel. E é precisamente para os pintores que ele apela nos dois versos derradeiros:

> Qu'é dos Pintores do meu País estranho,
> Onde estão eles que não vêm pintar?

Com razão disse o Visconde de Vila-Moura que «*a Fatalidade deu (a António Nobre) a linguagem e o segredo da terra portuguesa*». Fatalidade que foi ausência, pobreza e enfermidade. Embora gostasse de isolar-se — orgulho, pudor ou neurastenia — ele precisava de sentir afectos à roda de si.

Nos seus anos de Paris, entre estudantes estrangeiros, não fez amizade com nenhum poeta, com nenhum espírito irmão do seu; pelo menos, é o que se depreende das suas cartas, publicadas por Adolfo Casais Monteiro.

Se a algum estrangeiro faz referência, é ao brasileiro Eduardo Prado, de quem, em Novembro de 1893, estava ansiosamente à espera, como se vê destas linhas: «*Deus queira que o Ed. Prado chegue, que eu te juro que não é o António quem não arranja a sua vida. Quando virá ele?*» Foi talvez Eduardo Prado quem tentou obter para António Nobre a colaboração de «O País».

Ao mesmo tempo, referindo-se aos títulos brasileiros, rendas da família de que vivia ele próprio, pergunta: «*O Brasil vai melhor?*» (Alusão à grande crise financeira de 1893, que muito influía na situação dos Nobres.)

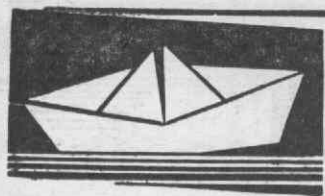
A sua vida nessa época foi mais do que de mediana e pobreza, foi algumas vezes de miséria. A colaboração em «O País», que ele esperava em Janeiro de 1895, não passaria a render senão daí a algumas semanas, provàvelmente depois que os primeiros artigos fossem publicados.

Escrevia ele então, já doutor pela Sorbone e queixoso da sua desamparada situação «*... encontro-me pronto para a vida e sem poder dar um passo para ela. Quero dizer: que nem eu recebo nada por estes primeiros tempos do Brasil, nem eu recebi daí (mesada do irmão Augusto) o pouco com que contava até então (...). Passarei mais um mês de tortura até ganhar e até lá terei resignação. Os meus artigos são 4 por mês e estou em negociações para os elevar a 8*».

Quando decide partir para Portugal, escreve ainda ao irmão, resumindo o insucesso da sua vida material em França: «*Tudo tentei por cá. Quis trabalhar, mas o trabalho nem sempre existe para aqueles que o procuram: lições, traduções, debalde as procurei*». Sua falta de recursos era tanta que ia aquecer-se nas bibliotecas públicas durante aquele inverno: «*Eu tenho passado quase todo este tempo de silêncio nas bibliotecas, a ler, a ler e onde tenho bom fogo.*»

Ribeiro Couto

SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLA

Big Ben "Cartas de Londres"

TRACTOR DE TRÊS RODAS

Estão neste momento a decorrer na Grã-Bretanha, diversas experiências com um tractor de três rodas, destinado às áreas sub-desenvolvidas do Mundo.

Espera-se que este novo tractor venha a preencher, nas quintas e fazendas da África e da Ásia, a distância que vai do carro de bois ao tractor normal de quatro rodas.

O tractor, cujo custo está avaliado em 150 libras, tem duas velocidades para a frente (uma para trabalho e outra para transporte) e uma velocidade para trás.

O motor é de 7 H. P., cilindro único e arrefecido a ar.

CONCERTOS DE VERÃO

A B. B. C. acaba de encomendar quatro produções musicais a outros tantos artistas britânicos. Destinam-se elas, aos concertos Promenade de 1962.

Os pontos culminantes do programa deste ano são um concerto de Debussy do dia 9, de Agosto, e um outro concerto dedicado às obras de Stravinsky, em 28 de Agosto — o dia dos 80 anos do compositor.

Será também repetida, em 30 de Julho, a inovação feita o ano passado de apresentar toda uma ópera em versão de concerto, pela totalidade da Glyndeboune Opera Company, em «Cosi Fan Tutte».

NOVO SERVIÇO PARA TURISTAS

Nestes nossos tempos em que toda a gente viaja, o turista que chega a uma cidade sem hotel reservado está sujeito a grandes aborrecimentos.

O problema, porém, não se levanta para quem quer que chegue ao aeroporto de Lydd, no sudoeste da Inglaterra. Com efeito, os bons ofícios de uma Associação Hoteleira agora inaugurada, curam-lhe as dores cabeça.

Lá se encontra, no escritório central, uma lista completíssima, sempre em dia, que informa dos hotéis com quartos disponíveis, telefones respectivos, preços, facilidade de estacionamento para automóveis e horários das refeições. Minutos após a chegada, o turista pode reservar pelo telefone, tranquila e eficientemente, o seu quarto — o que evita um sem número de caminhadas e decepções, muito anti-turísticas.

A T. V. AJUDA O TRATAMENTO HOSPITALAR

Acaba de descobrir-se mais uma maneira em que a televisão auxilia um doente a sentir melhoras. O paciente, agora, pode não só entreter-se a ver os programas de televisão, mas pode ainda ser observado pelo médico, estando este no seu gabinete central.

Não falando já das operações que são televisionadas e apresentadas, a cores, a uma aula de estudantes, o médico está agora em condições de observar, sempre do seu gabinete, sintomas que poderiam ser suprimidos se estivesse junto do doente.

Acresce que o médico não é já obrigado a fazer aquelas larguíssimas caminhadas de enfermaria em enfermaria e pode também observar um número muito maior de doentes.

Há que esclarecer, no entanto, que não se trata de espiar quem quer que seja. Mais uma vez, venceu o «fair play» dos ingleses: pouco antes de a máquina começar a captar imagens, soam por toda a enfermaria, três campainhadas de aviso!

CARNE MAIS TENRA

Estão de parabéns as donas de casa inglesas! Acaba de ser fundada no sul da Grã-Bretanha uma nova Associação formada por nove grupos de industriais e produtores de carne, Associação essa que tem três objectivos principais: levantar o nível da produção, registar as suas marcas industriais à escola nacional e apresentar melhor carne de vaca, de cordeiro, de porco e de carneiro.

AS INGLESAS E A POLÍTICA

A reunião dos membros femininos do Partido Conservador, durante o qual o Primeiro-Ministro MacMillan pronunciou um discurso, chamou a atenção de alguns comentadores para o papel actualmente desempenhado pelas mulheres na política da Grã-Bretanha.

Ao considerar a percentagem de mulheres filiadas nos grandes partidos políticos, chega-se inevitàvelmente à conclusão de que aquela influência é, na realidade, incontestável. Com efeito, só o Partido Conservador conta com cerca de 1 500 000 mulheres — o que representa mais de metade do número total dos seus membros (2 750 000). As filiadas no Partido Trabalhista são menos numerosas — 374 000 contra 515 000 homens — se bem que haja ainda a acrescentar a este número todas aquelas que estão associadas ao Partido através dos Sindicatos. As mulheres que se dedicam à política têm ainda um papel muito activo na organização dos partidos, uma vez que em cada um existe uma comissão feminina. Um dos dois vice-presidentes do «bureau» do Partido Conservador é normalmente uma mulher. Por outro lado, o organismo central do Partido Trabalhista conta cinco membros femininos, eleitos pelo congresso anual.

SERÁ O PARLAMENTO UM UNIVERSO MASCULINO?

Contudo, o número das mulheres parlamentares continua bastante baixo: na Câmara dos Comuns, actualmente, de um total de 630 membros, só 25 são mulheres. Por outro lado, apenas se encontram 5 na Câmara dos Lordes — onde, por sinal, só foram admitidas há muito pouco tempo.

Desde que, em 1918, foi eleita a primeira mulher para o Parlamento, não houve mais do que 76 parlamentares femininas. Destas, só 4 atingiram a categoria de ministro. Nota-se que as três mulheres que actualmente fazem parte do Governo MacMillan ocupam postos ministeriais secundários.

Tendo em vista os esforços levados a cabo pelas valentes sufragistas do princípio do século, não nos podemos eximir a considerar estes resultados como bastante tristes. De resto, o futuro não se apresenta particularmente risonho para as mulheres com ambições políticas. Há, com efeito, diversas razões para este facto. Uma delas respeita à presente situação eleitoral. Anunciando-se como muito renhidas as próximas eleições, os Conservadores fizeram já saber que manterão como candidatos, tanto quanto possível, os seus deputados actuais, em detrimento de quaisquer candidatas, cujas possibilidades seriam, evidentemente, mais reduzidas. A este propósito, nota o «Times» que as mulheres entram em Westminster por força de vitórias eleitorais esmagadoras: foi assim que, em 1945, ano da grande vitória trabalhista, 25 candidatas deste partido se viram eleitas. Mas há ainda uma outra razão, de natureza mais psicológica e por consequência mais permanente, que milita contra as candidatas parlamentares: é que torna-se muito difícil para uma mulher fazer-se aceitar, como candidata, pelas outras mulheres: «O verdadeiro problema, dizia Miss Pat Hornsby-Smith, membro do Conselho Privado, está em convencer as mulheres a aceitar uma mulher como candidata. Compreende-se perfeitamente que os homens prefiram os homens, mas já se não compreende por que é que as mulheres farão o mesmo». Não sendo apoiada pelas partidárias da sua circunscrição, a candidata só poderá, portanto, disputar ou um lugar para o qual esteja, de antemão, largamente assegurada a maioria, ou um lugar também já de antemão, considerado perdido. «Seja qual for o ângulo em que nos coluquemos», dizia o «Times», «as mulheres que querem fazer política têm contra elas toda a espécie de obstáculos, quando pretendem trilhar a grande estrada de Westminster». E, terminava o «Times», (quem sabe se com certo júbilo) «assim continuará a ser».

FALTARÁ CONVICÇÃO A' MULHER INGLESA?

E o que pensam as interessadas a seu próprio respeito? Na página feminina do «Guardian», de 28 de Maio do corrente ano, Miss Mary Stott vem a público para afirmar que seria particularmente desejável a existência de um maior número de mulheres parlamentares, muito em especial para criar o clima de opinião necessário à adopção de medidas com alcance social. E acrescenta que se há relativamente poucas candidatas é porque a carreira política se torna mais do que nunca, difícil para uma mulher. Há que levar em conta o lar, os filhos, a falta de criadas e a espantosa complexidade dos problemas modernos. E diz: «Penso que a maior parte das mulheres têm como imoral o apresentarem-se ao Parlamento sem possuirem uma série de fortes convicções pessoais quanto aos problemas que se deparam ao Mundo e à Nação. Com efeito, a menos que se sintam capazes de dar uma resposta inequívoca a perguntas tais como: «Deverá a Grã-Bretanha renunciar unilateralmente aos armamentos nucleares» ou ainda «Poderá a Grã-Bretanha libertar-se dos seus compromissos para com a NATO e, apesar disso, apresentar a sua candidatura ao Mercado Comum» — as mulheres britânicas podem perfeitamente sentir que não têm o direito de se apresentarem como candidatas a deputadas». Há ainda a questão da lealdade — por vezes tão difícil de observar para com um partido. E há, finalmente, uma certa apatia que Miss Stott censura às suas compatriotas: «Se não tivessemos há já algum tempo, voltado as costas à política de partido, e se estivessemos prontas a fazer a aprendizagem da administração municipal, talvez que tivessemos hoje mais coragem e mais convicção para nos abalançar a uma tarefa tão grandiosa».

Mrs. Jean Mann, uma antiga deputada, acaba de publicar um livro em que lança a grande pergunta, que tanto deve preocupar também as futuras candidatas: qual é o papel da mulher no Parlamento — se é que há algum em especial? Passando em revista a sua própria carreira, sempre agitada, e por vezes tumultuosa, Mrs. Mann confessa que a vida pública pertence ao «mundo dos homens» e pergunta-se se as deputadas não serão consideradas como «políticos de segunda ordem». As mulheres que chegaram ao posto de ministro nunca manifestaram, nem no passado, nem hoje em dia, qualidades comparáveis às dos seus colegas masculinos, porque é evidente, conclui Mrs. Mann, que a vida política dos nossos dias já não atrai os melhores elementos femininos. Talvez seja a um homem, no entanto que convenha pedir um juizo menos exigente — um homem, precisamente, que fez outrora campanha contra a concessão do direito de voto às mulheres e que responda com esse sentido de «fair play» tão característico dos ingleses: «A questão mais difícil está em saber se as mulheres parlamentares, no seu conjunto, se mostraram iguais aos homens pelas suas realizações. Uma coisa é certa: nenhuma delas conseguiu jamais esgotar a lotação da Câmara dos Comuns, tal como o fizeram Asquith, Balfour, Lloyd George, Churchill e Bevan. Mas também é justo mencionar-se que se a situação fosse invertida e houvesse tão poucos homens parlamentares como há mulheres, é pouco provável que qualquer das personalidades que acabo de mencionar tivesse chegado sequer a notabilizar-se».

COEXISTÊNCIA...

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Junto do Tribunal Tutelar de Menores

Segundo o art.º 6.º, n.º 2, e por força do art.º 9.º, ambos da Organização Tutelar de Menores, aprovada pelo Decreto n.º 44 288, de 20 de Abril último, as funções de assistência social junto do Tribunal Tutelas da comarca de Aveiro podem ser confiadas a quaisquer particulares que, voluntàriamente, se prestem a colaborar no serviço — orientando, auxiliando e vigiando os menores sujeitos a certas medidas.

Está este Tribunal empenhado em tal colaboração.

A's pessoas que desejarem prestá-la podem, para o efeito, dirigir-se ao meritíssimo Juiz do 1.º Juízo, em qualquer dia útil, das 16 às 19 horas, no Tribunal Judicial de Aveiro.

MÚSICA

Conservatório Regional de de Aveiro

Na próxima segunda-feira, 2 de Julho, às 21 30 horas, no Teatro Aveirense, realiza-se a audição de encerramento das actividades escolares deste ano lectivo do Conservatório Regional de Aveiro, sendo de esperar que o êxito seja absoluto, dado o grande agrado com que se assistiu às anteriores audições.

Neste sarau exibir-se-ão: as classes de Iniciação Musical das professoras D. Maria Melina Rebelo e D. Maria Fernanda Salgado (alunos dos 4 aos 10 anos); as classes de Canto Coral e Classe de Canto — curso snperior — da professora D. Maria Fernanda Salgado; as classes de Ballet da professora D. Madília Braga Dias; as classes de Piano das professoras D. Maria Leonor Teixeira Pulido e D. Maria Melina Rebelo; e as classes de Violino e Violoncelo, respectivamente dos professores Pereira de Sousa e Ramon Miravalle.

Os sócios do Conservatório têm entrada, como habitualmente, por convites; e todas as pessoas poderão assistir à exibição contribuindo para auxiliar a vida desta escola, adquirindo os bilhetes à venda na bilheteira do Teatro Aveirense, aos preços de 10$00 — para o 1.º Balcão e plateia; 50$00 — para camarotes e frizas; e 5$00 – para 2.º Balcão.

Esperemos que a cidade se interesse por esta enter-

necedora festa, que é uma manifestação admirável da capacidade do corpo docente do Conservatório Regional de Aveiro.

Pela Mocidade Portuguesa

II Acampamento Distrital de Aveiro

Regressaram a Aveiro, na tarde do último domingo, 24 do corrente, os filiados que estiveram acampados no Parque de Campismo da Torreira, sob a direcção do Chefe de Serviços José Hernâni Moreira da Silva e sob comando do Graduado Carlos Fonseca.

A formação moral esteve a cargo do Assistente Religioso Rev.º Padre Mário Sardo.

Curso do Trabalho

Partiram para Lisboa, no último domingo, 24 do corrente, acompanhados do mestre da Escola Técnica de Aveiro sr. Manuel Rodrigues, os representantes da Divisão Distrital de Aveiro à fase nacional do concurso do Trabalho, que decorre de 25 a 30 do corrente: são eles estudantes das Escolas Industriais de Aveiro e Águeda, e aprendizes da Empresa de Pesca de Aveiro, nas modalidades de marceneiros, instaladores e radiomontadores, torneiros, fresadores, serralheiros mecânicos e desenhadores de máquinas.

Escolas de Graduados

Encontra-se aberta a inscrição, nos Centros de Formação Geral e na Delegação Distrital de Aveiro da Mocidade Portuguesa, para a frequência dos Cursos de Comandantes de Castelo e de Bandeira, a funcionar no mês de Agosto em Coimbra e Lisboa, respectivamente.

Os interessados devem entregar os boletins de inscrição até 10 de Julho próximo.

A CIDADE

II Salão Nacional de Arte Fotográfica de Aveiro

A Direcção da Secção Fotográfica do Clube dos Galitos, participou-nos que o Júri, reunido em 20 do corrente, resolveu premiar os seguintes trabalhos, presentes ao II Salão Nacional de Arte Fotográfica de Aveiro, a saber:

1.º — «*Sol de Inverno*», de Orlando da Silva Cavaco;

2.º — «*A Família*», de Eduardo Antunes Gageiro;

3.º — «*Banho de Sol*», de Francisco Borges de Sousa;

4.º — «*Retrato*», de Eduardo Antunes Gageiro;

5.º — «*Nocturno*», de João Martins da Silva; e

6.º — «*Companheiras*», de Dr. Carlos de Lacerda.

O Júri foi constituído pelos srs. Eng.º António Máximo Gaioso, Eg.º Júlio de Almeida Maia e José Ramos.

Hospital Regional de Aveiro

Está marcada para as 21.30 horas de terça-feira, 3 de Julho próximo, a posse da nova Direcção Clínica do Hospital Regional de Aveiro da Santa Casa da Misericórdia.

Serão empossados os ilustres clínicos srs. Drs. Manuel Marques da Silva Soares e Jorge Cardoso do Vale Leite da Silva.

A cerimónia realiza-se no salão nobre daquela instituição.

TEATRO

Círculo Experimental de Teatro de Aveiro

★ A Companhia Amélia Rey Colaço — Robles Monteiro tem em estudo a realização, em Setembro, no Teatro D. Maria II, em Lisboa, do Festival de Teatro Moderno.

A concretizar-se esta realização, o Círculo Experimental de Teatro de Aveiro, conjuntamente com a Companhia daquele Teatro, o Teatro Moderno de Lisboa, Teatro Experimental do Porto e CITAC, colaborará no referido festival com a peça «À espera de Godot», que tanto êxito alcançou em Aveiro.

★ Devido a dificuldades surgidas pelos concessionários em Portugal, da peça de Tenneesse Willians, «Jardim Zoológico de Vidro», vai o Círculo Experimental de Teatro de Aveiro apresentar, em Outubro, a peça de Willian Saroyan «O Meu Coração Vive nas Terras-Altas», na qual participa todo o elenco femenino e masculino do CETA, destacando-se nos principais papeis: Guerra de Abreu, Carlos Fonseca, Jaime Borges, José Júlio Fino, Fernando Matos e Manuel Gamelas. Esta peça foi já apresentada em Portugal. pelo Teatro Universitário do Porto.

★ O CETA projecta repor em Outubro, a peça de Samuel Beckett «À Espera de Godot» apresentada recentemente no Teatro Aveirense.

A mesma peça deve ser apresentada, durante a época de Verão, em Lisboa, Porto, Coimbra e Espinho.

Homenagem ao Dr. Mário Duarte

Um grupo de amigos e admiradores aproveitando o ensejo da próxima visita a Aveiro do nosso ilustre e devotado conterrâneo sr. Dr. Mário Duarte, embaixador de Portugal no México, promoverá, no próximo mês de Agosto, uma homenagem ao distinto diplomata, exemplo do mais fervido e prestimoso aveirismo.

A inscrição para a justíssima homenagem deverá abrir dentro de breves dias.

Centenário de José Estêvão

Os srs. dr. Francisco do Vale Guimarães e Eduardo Cerqueira estão a preparar uma edição de discursos de José Estêvão comemorativa do centenário da sua morte.

A edição compreende:

a) discursos e artigos publicados nas edições de 1878 e 1909;

b) prefácio e notas biográficas coordenadas por seu filho, conselheiro Luís de Magalhães, insertas na edição de 1909:

c) cerca de uma centena de discursos não incluídos naquelas edições;

d) extensas notas sobre a vida familiar, militar e politica de José Estêvão, coligidas em 1909 por Marques Gomes;

e) breve resenha histórica dos principais acontecimentos militares em que o Tribuno tomou parte;

f) apontamentos e outras notas críticas de Eduardo Cerqueira e Francisco do Vale Guimarães.

Haverá uma edição de luxo, em papel bíblia, com 1.400 páginas e uma edição corrente, em dois volumes, de 700 páginas cada um.

O preço da edição de luxo, já encadernada, é de 200$00 e o dos dois volumes da edição corrente, brochados é de 100$00.

Todos os que pretendam adquirir exemplares de qualquer das edições podem inscrever-se desde já no Clube dos Galitos, Aveiro. A edição em papel bíblia é limitada a 500 exemplares, sendo igualmente reduzida a tiragem da edição corrente.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	MOURA
Domingo . . .	CENTRAL
2.ª feira . . .	MODERNA
3.ª feira . . .	ALA
4.ª feira . . .	M. CALADO
5.ª feira . . .	AVEIRENSE
9.ª feira . . .	SAÚDE

Faleceram:

António Pereira Campos

No dia 5, faleceu, após prolongado sofrimento, o oficial barbeiro sr. António Pereira Campos, pai das sr.ªs D. Julieta, D. Emília e D. Maria da Ascenção Pereira Campos; e sogro dos srs. João Marques, Agostinho Alves de Oliveira e João Marques Ribeiro.

José Simões Pachão

Em Castro Valey, Califórnia (U. S. A.), faleceu em 6 do mês que hoje finda o nosso conterrâneo sr. José Simões Pachão, há muitos anos ali residente.

António Moreira da Costa

Em Esgueira, no dia 8, faleceu o sr. António Moreira da Costa.

O saudoso extinto era pai dos srs. Arménio e José Augusto Alves da Costa e avô dos rev.ºs padres Valdemar Magalhães Alves da Costa, professor do Seminário Diocesano de Santa Joana Princesa, e Arménio Alves da Costa Júnior, coadjutor da freguesia da Vera-Cruz.

Felisberto Dias da Silva

Em 9, faleceu o sr. Felisberto de Almeida Dias da

Horário dos Comboios

PARA O SUL		PARA O NORTE		PARA O V. DO VOUGA		Comboios destinados a Aveiro que chegam do V. do Vouga e do Porto	
Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Chegada	Obs.
1.35	Correio, Lisboa	5.34	Correio, Porto	7.40	Liga para Viseu	7.20	De Sernada do Vouga
7.00	Coimbra	6.50	Tranvia, Porto	10.04	» » »	8.07	» » » »
7.28	Coimbra (a)	8.16	» »	12.55	» » »	10 48	De Viseu
9.15	Coimbra	11.11	» »	16.40	» » »	12.40	De Sernada do Vouga
10.26	Foguete, Lisboa	12.18	Rápido, Porto	18.10	» » »	15.50	De Viseu
11.32	Semi-directo, Lisboa	12.47	Tranvia, Porto	18.55	» » »	19.25	» »
15.24	Foguete, Lisboa	14.53	Automotora, Porto	20.00	Só até Sernada	20.25	Tranvia do Porto
16.00	Autom., Coimbra (a)	16.36	Semi-directo, Porto			21.52	» » »
18.52	Coimbra	17.28	Foguete, Porto			22.47	De Viseu
19.41	Rápido, Lisboa	18.30	Tranvia, Porto				
		19.31	» »				
		21.22	» »				
(a) Têm ligação para Lisboa		22.43	Foguete, Porto				

Silva, pai dos srs. Aldemir, Avelino e Mário de Almeida Costa e Silva.

João Simões Birrento

No dia 12, faleceu o ferroviário aposentado sr. João Simões Birrento, pai do sr. João dos Reis Birrento.

D. Maria da Purificação Soares e Goes

No dia 20, faleceu a sr.ª D. Maria da Purificação Soares e Goes.

A saudosa extinta, geralmente considerada e estimada por suas qualidades e virtudes, contava 86 anos de idade e era mãe dos srs. Francisco Soares da Costa Goes e Dr. José Augusto Soares da Costa Goes.

D. Fernanda Velhinho

Na Beira-Mar, no dia 21, faleceu a sr.ª D. Fernanda Velhinho, que deixou viúvo o sr. Manuel Gomes Patarrana e era irmã da sr.ª D. Maria de Jesus Velhinho.

D. Maria da Luz Vinagre

No Domingo, dia 24, faleceu a sr.ª D. Maria da Luz Calisto Vinagre, mãe da sr.ª D. Maria de Lourdes da Cruz Vinagre; sogra do sr. José Ferreira de Almeida; e avó da sr.ª D. Maria Paulino de Almeida e Eduardo da Cruz de Almeida.

Manuel da Maia Russo

No dia 25, em S. Bernardo, faleceu o sr. Manuel da Maia Russo, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Rosa de Jesus e era pai da sr.ª D. Maria da Luz de Jesus Maia e dos srs. João e Augusto Nunes da Maia.

D. Adelaide Rocha Marques da Cunha

Na passada terça-feira, 25, faleceu a sr.ª D. Adelaide Rocha Marques da Cunha, mãe do sr. Élio Rocha Marques da Cunha e sogra da sr.ª D. Madalena Serrão Franco da Cunha.

D. Maria da Apresentação Vilar das Neves

Na quarta-feira, dia 26, faleceu a sr.ª D. Maria da Apresentação Vilar Neves, que deixou viúvo o sr. Barnabé Pinho das Neves, e era mãe do sr. João Pinho das Neves Vilar (Barnabé) e cunhada do sr. António Pinho das Neves.

Às famílias enlutadas, os pêsames do LITORAL.

Continuações da última página

Da minha janela...

Aqui temos outro *fenómeno*... Não, como se pode supor, pelo facto do conjunto ser débil ou mostrar pouco miolo futebolístico, a avaliar pela exibição descolorida que o vimos fazer perante o Beira-Mar, numa tarde quente da Vista Alegre! São acasos do futebol que, às vezes, pouco significam e nada dizem do real valor duma equipa. O verdadeiro fenómeno reside, antes, na nacionalidade do treinador Rui Araújo. É verdade, senhores, o Feirense está na 1.ª Divisão, graças, em parte, ao trabalho honesto dum técnico português! São acontecimentos raros, concordamos, mas são êxitos que nos dizem bem do valor dos nossos responsáveis, tão esquecidos por vezes pelos dirigentes e pouco ou nada conceituados pelo fervoroso adepto da bola. E, no entanto, poderíamos apontar os exemplos de Fernando Vaz, Juca, Dr. Alberto Gomes, etc.

Pois, o antigo leão está de parabéns e, embora tardiamente, daqui lhe enviamos um aceno de simpatia pelo muito que tem valorizado o desporto da região, da qual Aveiro é lídima capital.

3 O aparecimento das celebradas focas no famoso jardim do Infante D. Pedro teve a virtude de atrair considerável multidão, na avidez de apreciar as espécies raras ali expostas.

Passados os primeiros momentos de curiosidade, assaltou-nos à mente a falta duma piscina na cidade — outro *fenómeno* quase inacreditável!

Na verdade, enquanto as simpáticas focas volteavam no lago, preparado na emergência para o efeito, o público, comprimido, assava de calor, sem lhe restar outra esperança que não fosse a de olhar as sujas águas da Ria, ou, então, deslocar-se dez quilómetros até à praia mais próxima!

É este o outro fenómeno bem digno daqueles em que o Entroncamento tem sido fértil. Aveiro, sem que entendamos porquê, não tem ainda a sua piscina.

Inacreditável para uma terra inundada de água por todos os lados!

Joaquim Duarte

Xadrez de Notícias

No domingo passado, no Campo do Forte da Barra, em encontro de futebol entre grupos populares, União Desportiva Gafanhense *e* Águias da Beira-Mar *empataram a uma bola.*

Com a anunciada I Prova de Perícia Automóvel de Estarreja, *marcado para amanhã, pelas 15 horas, encerra-se a série de realizações desportivas promovidas, desde 10 de Junho, pelo Clube Desportivo de Estarreja, e nas quais se obtiveram, entre outros, estes resultados:*

Andebol de 7 — *Amoníaco, 10 — Porto, 14.* Basquetebol — *Amoníaco, 36 — Esgueira, 42.* Futebol — *Estarreja, 1 — Ovarense, 2.* Ténis de Mesa — *Estarreja, 2 — Amoníaco, 7.* Tiro aos Pratos — *1.º — Urgel da Costa Leite, de Vale de Cambra.*

Nos jogos de futebol da Taça Ribeiro dos Reis, *no último domingo, os grupos do Distrito alcançaram estes resultados:*

Salgueiros, 2 — Espinho, 1
Oliveirense, 4 — Marinhense, 0
Sanjoanense, 2 — Peniche, 1

Amanhã, jogam: Espinho — Boavista, Covilhã — Oliveirense e Castelo Branco — Sanjoanense.

Cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 30 — Os srs. Dr. Eduardo Vaz Craveiro, José Luís dos Santos Pimenta e João Maria da Costa Vieira Gamelas.

Amanhã, 1 de Julho — Os srs. João Sarabando, Artur Gouveia da Cunha, Amadeu do Roque, Prof. João Rocha de Oliveira, José Júlio Pereira Varela e 1.º Sargento José de Sousa da Silva; a sr.ª Prof.ª D. Sara Maria Guimarães Marcela, filha do sr. Prof. António dos Santos Marcela; e o menino Carlos de Jesus Pedrosa, filho do sr. Albino Pereira Pedrosa.

Em 2 — As sr.as D. Guiomar de Carvalho Gomes e D. Maria Amélia Teixeira de Sousa; os srs. Comandante Manuel Branco Lopes, Orlando Trindade e Amadeu Martins Pereira, a menina Maria Manuela, filha do sr. Capitão Augusto Soares Pinheiro, ausente em Moçambique; e o menino Joaquim Martins Pereira, filho do sr. José Pereira.

Em 3 — A sr.ª D. Palmira do Carmo Urbano Alves da Cunha, esposa do sr. Tenente Antero Alves da Cunha; os srs. Nuno Meireles, Francisco Nunes da Maia Júnior e João Rogério de Oliveira Conde; e as meninas Teresa Mafalda Salvador Fernandes, filha do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes, e Maria Vitória, filha do sr. João dos Santos Baptista.

Em 4 — A sr.ª D. Flora Celeste de Pinho e Reis Neves, esposa do sr. Dr. Jaime Luís Neves.

Em 5 — As sr.as D. Maria Ávia de Melo Fialho, esposa do sr. Vital Cordeiro Fialho, D. Maria Rosa Lourenço Pitarma, esposa do sr. Custódio Marques Pitarma, D. Maria Clara Ferreira Sanches, esposa do sr. Alfredo Francisco dos Santos, D. Vitalina Mendes Maia de Oliveira, esposa do sr. Artur Seabra de Oliveira, e D. Alice Simões Amaro Coelho, esposa do sr. Vítor Coelho da Silva; o sr. João Ferreira de Macedo; a menina Graça Maria, filha do sr. Emílio da Silva Campos; e o menino Henrique João Almeida Moreira de Matos, filho do sr. José Moreira de Matos.

Em 6 — A sr.ª D. Maria Jerónimo Marques, esposa do sr. Manuel da Fonseca Marques; e os srs. Firmino da Silva Freire de Lima, Francisco José da Silva, e Duarte Maia Marabuto.

CASAMENTOS

★ No passado dia 7, na Curia, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Fátima de Pinho Moreira da Cruz, filha da sr.ª D. Maria das Dores Pinho Moreira da Cunha e do sr. António Joaquim da Cunha, com o sr. Diamantino Manuel dos Reis Dias, filho da sr.ª D. Julieta Carvalho dos Reis e do sr. Tenente Diamantino Dias.

Serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maria do Carmo Pires Fernandes e o sr. Anacleto Pires Fernandes; e pelo noivo, a sr.ª D. Maria do Rosário Moreira e o sr. Capitão Diamantino Moreira.

★ Em Eixo, no último domingo, consorciaram-se a sr.ª D Maria Gabriela Ramalho dos Santos, filha da sr.ª D. Maria Clemência dos Santos e do sr. Manuel Marques dos Santos, e o sr. Manuel Soares da Costa filho da sr.ª D. Rosa Augusta da Glória Soares e do sr. Sebastião Fernandes da Costa.

Foi oficiante o Rev.º Padre João Baptista, tendo servido de padrinhos, a sr.ª D. Rosalina Soares da Costa e o sr. A'lvaro António Bastos da Silva.

Aos novos lares desejamos as melhores venturas

ÁLVARO DE MELO ALBINO

Foi recentemente promovido a 1.º oficial o zeloso e competente funcionário de finanças sr. Álvaro Pereira de Melo Albino, nosso conterrâneo, actualmente em serviço nesta cidade.

No acto da posse, há dias realizada, com muita concorrência, na Direcção de Finanças do Distrito de Aveiro, foram postas em merecido relevo as qualidades de carácter e de trabalho do sr. Álvaro de Melo Albino, por diversos oradores, designadamente pelo sr. Director de Finanças.

Agradeceu o empossado — a quem endereçamos as nossas felicitações pela sua promoção e pela justa homenagem de que foi alvo.

«EL CID»

Continuação da primeira página

árabes; a mistura das civilizações romana, visigótica, árabe, etc..

O Cid é também o símbolo do vassalo leal, e, através do poema existem vários testemunhos dessa lealdade para com o seu Rei, apesar de ter sido desterrado por este. E' um personagem heróico. Soldado e chefe («alférez») destemido, e, simultâneamente, bom esposo e bom pai. «E' o herói da moderação», diz Menendez Pinhal, referindo-se à sua sobriedade e à sua moderação.

Mas será o Cid apenas o máximo valor de Espanha? Eis o que poucos portugueses têm meditado. Esse homem de carne e osso, nascido na aldeia de Vivar, na região alta de Burgos, esse homem que se chamou Rodrigo Días de Vivar (os mouros tratavam-no por «mio Cid», que quer dizer *Senhor*; os cristãos apelidavam-no por «Campeador», que significa *homem de batalhas e combates*), esse esse «Mio Cid el que a Valencia ganó», «el Campeador complide y leal», «el caboso de la barba bellida», modelo de Vassalo, de senhor e de cavaleiro invicto, é também um herói português. Quando visitei o glorioso sábio Don Ramón Menéndez Pidal, em Chamartin, as últimas palavras com que brindou a minha qualidade de português e com que se despediu de mim foram singelamente estas: «El Cid é também português!».

Afonso Lopes Vieira, o poeta mais português desde meio século, depois de haver reconstituído o texto português de *Amadis de Gaula* e restituído à nossa língua a *Diana* de Jorge de Montemór, traduziu «O poema do Cid», no ano de 1929. Foi uma versão em prosa de sabor primitivo («ressurjo o que digo com palavras que sinto», dizia o poeta amante de Camões e Gil Vicente), embora o Cantar seja em verso. Na sua nota introdutória Afonso Lopes Vieira apercebeu-se de que o Cid também era português e, assim o declarou: «Quando este Cantar se ouviu, estava Portugal para nascer. Porém, o Hispano herói que o Poema celebra e recebeu as armas na *Sé de Coimbra*, tão vivo se ergueu na gesta, que ainda vibra. Entoando por minha vez o Cantar épico e belo cujo som Portugal escutou no berço e cuja alma é também Portugalesa, eu, jogral de hoje, faço como fizeram os meus irmãos de outrora: — ressurjo o que digo com palavras que sinto».

Esta primorosa tradução de Lopes Vieira (corre aí uma versão de Arthur Lambert da Fonseca, de 1962, Porto, mas arbitrária e sem o valor rigoroso da de Vieira), teve o privilégio de ser prologada por Menendez Pidal, o sábio que aos seus noventa e três anos ainda dirige na actualidade a Academia Real Espanhola e é a maior glória viva de Espanha de hoje e um valor eterno.

Também Pidal, em 1929, no prólogo à versão de Lopes Vieira frisou que o Cid era... português: «Houve no tempo do herói um magnate português, Martim Muñoz, conde de Coimbra, governador de Montemor e Arouca, que, sendo desapossado do seu condado em benefício do genro do Rei Alfonso de Leão, marchou a Valência para guerrear a hoste de Cid. E, de acordo com esta realidade histórica, «Martin Muñoz, el que mandó a Montemayor», é citado no poema ao lado do horói tanto nas batalhas como nas viagens e nas cortes. O Cid do poema, tal como o da realidade, não é um herói cerradamente castelhano, mas sim hispânico, a cujo lado se denodavam e glorificavam os cavaleiros de Aragão e os de Portugal, do mesmo modo que os de Castela a gentil».

Portugal estava por nascer quando Cid era temido pelos mouros do levante. Cid morreu em Valência, em 1099. Portugal abriu os olhos em 1143, como nação independente, tendo o Papa só em 1179 reconhecido Afonso Henriques como Rei de Portugal. O Cid pertence pois a um património comum, quando a indiferenciação cobria os vários povos hispânicos, apenas unidos na comum luta contra os árabes. E uma neta de Cid, D. Urraca, casou-se com o nosso Rei D. Afonso II, terceiro Rei de Portugal. Há sangue de Rodrigo Díaz de Vivar na estirpe real portuguesa. Se a família de Cid era de honrada e limpa linhagem, todavia não pertencia à principal nobreza. Verdadeira fidalga, filha do conde de Oviedo, bisneta de Afonso V de Leão e sobrinha do Rei Alfonso IV, foi Jimena Díaz (*Doña Jimena*), mulher de Cid. Não admira que um Afonso IV, o Bravo, seja o herói do Salado. Tinha sangue do Cid nas suas veias, melhor, na sua coragem! Quantos portugueses saberão isto? Quantos ao verem o filme que se está exibindo na cidade de Lourenço Marques, mesmo monárquicos, saberão estas subtilezas da História?

O Cid foi personagem real. Morreu em 1099. Os seus feitos ficaram gravados nesse coração duro e terno da Ibéria. Por isso os poetas o cantaram. Alguns excessivamente, é certo. Dos excessos saiu um Cid arrebatado e romântico. Tal o que Corneille tomou dos poetas espanhóis, tornando-o famoso na Europa. E perante tais excessos de virtudes e de feitos, não faltaram mesmo sábios que negassem a existência real do homem de carne e osso de Vivar.

«El Poema de Mio Cid», «El Poema del Cid» ou simplesmente, «El Cantar de Mio Cid» — que dos três modos se designa a primeira obra épico-literária escrita em espanhol — foi escrito em 1140, apenas 42 anos depois da morte do protagonista. A cópia que se conhece e se salvou da erosão do tempo, foi feita, em 1307, por um amanuense chamado Per Abbat (Pedro Abad). Ao manuscrito faltam-lhe alguns fólios, que se reconstruiram em virtude da prosificação que do citado cantar se fez na «Crónica de veinte Reyes». Até há dois anos o manuscrito estava no estrangeiro. Os espanhóis não tinham, assim, o seu mais antigo documento literário. Hoje pode ser admirado em Madrid. Foi o multi-milionário maiorquino Juan March, falecido há meses num acidente de viação próximo de Madrid, quem o adquiriu por milhares de contos no estrangeiro, restituindo à Espanha a fruição material dessa preciosidade. A's vezes os multimilionários salvam a sua memória com gestos destes...

Tenha-se em conta, porém, que não foi «El Cantar de Mio Cid» a primeira obra dedicada ao Cid Campeador, já que este inspirava, em 1110, ao mouro valenciano Ben Alcama, que havia sido testemunho do cerco e conquista de Valência por aquele, um minucioso relato dos feitos com o título *Elocuencia evidenciadora de la gran calamidad;* outro mouro, este português, chamado Ben Bassam, contemporâneo do anterior, descreve como o Cid conquistou Valência, no seu «Tesoro de las excelencias de los españoles»; um clérigo anónimo, que escrevia cerca de quinze anos depois da morte do herói, escreve em latim uma *Historia Roderici* na qual apresenta a Rodrigo Díaz de Vivar, quase apenas sob dois aspectos: o de invencível guerreiro e o de vassalo leal, sempre fiel a seu rei, ainda quando este o trate injustamente. Já depois de «El Poema del Cid» surgirá todo um ciclo de romances populares em torno do herói, ciclo que é designado em conjunto por *Romancero del Cid*.

O texto do poema chegou às nossas mãos através dum códice procedente da aldeia de Vivar, a pátria de Cid. Dele escreveu Menéndez y Pelayo: «O manuscrito dista muito de ser coetâneo do poema: é uma cópia rude feita por um Per Abbat em 1245, ou, segundo outros, em 1345. Para nós, o códice é evidentemente do século XIV». A' cópia de Per Abbat falta-lhe uma folha no princípio e duas no seu interior. A obra contém 3730 versos e está dividida em três cantares: o Desterro de Cid; as Bodas das Filhas de Cid; e a Afronta de Corpes.

Sumariando a acção de cada cantar:

a) — *O Desterro de Cid.*

No cantar do desterro aparece a Cid desterrado de Vivar por Alfonso VI, donde parte para empreender uma série de triunfos guerreiros que culminam com a prisão do Conde de Barcelona, depois de tornar sua tributária a região que vai de Teruel a Zaragoza. Fora acusado pelos invejosos da corte, de «infiel mensajero» na cobrança das «parias» ao rei mouro, e no ânimo de Alfonso VI cresce o sentimento de receio e de aversão ao Cid.

Conclui na página seguinte

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária do dia 22 de Junho corrente, deliberou abrir novamente concurso, pelo prazo de *vinte dias*, para a empreitada de «*Urbanização da zona do Museu Regional de Aveiro — Construção do Jardim D. Afonso V*», cujo programa e Caderno de Encargos podem ser examinados na Repartição de Obras desta Câmara Municipal, dentro das horas normais de serviço, em virtude de ter ficado deserto o concurso aberto por deliberação de 18 de Maio findo, nos termos do § 2.º do Art.º 359.º do Código Administrativo, tendo sido fixado o aumento da base de licitação anterior em 20 %, como segue:

Base de Licitação . . . 197 472$60
Depósito Provisório . . 4 936$80

As propostas, escritas em papel selado e encerradas em sobrescrito lacrado, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado e outros documentos legais, deverão ser enviadas pelo correio, sob registo, por forma a serem recebidas, na Secretaria da Câmara, até às 14,30 do dia 20 do próximo mês de Julho.

Paços do Concelho de Aveiro, 27 de Junho de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas
Eng.º Agr.º

«EL CID»

Continuação da sexta página

Cid é desterrado de Castela... e canta o poema:

«Salio de Vivar el Cid
a Burgos va encaminado
allá dejó sus palacios
yermos y desamparados...»

O Cid passa por Burgos e diz o Cantar:

«Mio Cid Rodrigo Díaz
en Burgos la villa entro
sessenta pendones iban
Detrás del Campeador...»

Mas o rei havia proibido com severas sanções todo aquele que desse seu auxilio a Cid. Sòmente uma moça se atreve a falar assim:

«Que el Creador os proteja,
Cid, com sus virtudes santas...»

b) — *As Bodas das Filhas de Cid.*

Neste cantar Cid conquista Valência, nomeia bispo D. Jerónimo, envia presentes ao rei, obtêm deste que permita a sua mulher, Dona Jimena, e a suas filhas viverem em Valência, reconcilia-se com o rei nas margens do Tejo e acede ao matrimónio de suas filhas com os infantes de Carrion, cujas bodas se celebram em Valença com grande esplendor. O Rei dobra-se perante os feitos daquele que expulsara e lhe continuava fiel; e o Rei exclama:

«Yo eché un día de mis tierras — al buen Cid Campeador, y mientras le hacia mal — el luchaba por mi honor».

c) — *A Afronta de Corpes.*

Pela sua revelada cobardia os Infantes de Carrión (do bando dos inimigos de Cid) sentem-se indignos de conviver com os vassalos de Cid e tramam a deshonra do herói. Pedem licença para ir a Carrión com as suas mulheres. Com a sua autorização e ricos presentes, Cid entrega-lhes os seus melhores troféus;

«Os daré mis dos espadas
Colada y Tizona son
las que mas quiero, y sabed
que las gané por varón».

Mas eles vingar-se-ão nas filhas de Cid. Ao chegarem à mata de Corpes, próximo de San Esteban de Gormaz e cerca do rio Douro, os Infantes, cobardemente, maltrataram-nas e abandonam-as. Assim o pinta o cantor anónimo do «Mio Cid»:

«En el robledal de Corpes
entraban los de Carrión,
las ramas tocan las nubes
los montes muy altos son,
y muchas fieras feroces
rondaban alrededor...
....
Bién podéis crerlo, dicen
dona Elvira y dona Sol,
aquí seréis ultrajadas
En estos montes las dos».

O Cid pede justiça ao Rei, que convoca Cortes em Toledo:

«Contemplando están al Cid
cuantos en las Cortes son
la luenga barba que lleva
sujeta por un cordon
de verguenza no le miran
los infantes de Carrión».

O Cid pede aos Infantes que lhe devolvam as espadas Colada e Tizona, dadas em prenda de amizade; exige, depois, o «ajuar» ou dote de suas filhas e, por último, chamando traidores aos Infantes, exclama:

«Por estas barbas honradas
que jamás nadie mesó,
habran de quedar vengadas
doña Elvira y doña Sol».

O desafio fica combinado entre três vassalos de Cid e os dois Infantes e um irmão destes. No prazo fixado pelas Cortes de Toledo os Infantes lutam com os seus adversários e...

«A Valencia victoriosos
fueron los del Campeador...
Gracias al Rey de los Cielos
mis hijas vengadas son!
Puedo ahora yo casarlas
sin afrenta ni baldon!».

Os Infantes são apontados de «menos valer», desafiados e declarados traidores. Por fim, mensageiros pedem ao Rei as filhas de Cid para as casarem com herdeiros de Navarra e Aragão. O Cid põe agora, como antes, o matrimónio nas mãos do rei.

Ao contrário dos «Nibelungos» e da «Chanson de Roland», o poema «Mio Cid» não se sacia numa vingança que exija perda de muitas vidas: o que Cid obtêm dos Infantes de Carrión tem o carácter duma simples reparação jurídica. Isto traduz uma realidade que é o símbolo da própria Península; o sentimento de honra solidário como o da justiça. Foi a realidade do tempo de Cid. E' a realidade dos tempos actuais. A honra acima da fortuna. Ou, a honra única fortuna que conforta.

As principais características do poema (ou seja da realidade ibérica, pois os factos narrados no poema são na quási totalidade *históricos*) são o realismo, a qualidade espiritual do herói e a sua dignidade humana, a fidelidade e respeito ao Rei e o sentido familiar e cristão do herói.

A' entrada do Parque Maria Luisa, em Sevilha, deparei com a estátua equestre de Cid Campeador. Na Catedral de Burgos encontrei-me com o cofre ou arca, com argolas de ferro, cofre que transportou o cadáver de Cid desde Valença à terra de sua origem. Em San Pedro de Cardeña meditei diante do sepulcro de Cid e de Jimena. Lidando com o povo espanhol encontrei a fisionomia permanente de Cid, a que não findou quando seu corpo morreu: essa lealdade, essa hombridade, esse penhor da palavra, esse sentimento da honra que só nós, ibéricos, levamos hoje em dia pelo mundo. Corre uma lenda — esta na verdade falsa — que Cid ganhou batalhas aos mouros *ainda depois de morto*. Pura fantasia. Mas há batalhas que de facto Cid tem ganho depois de morto: precisamente esse carácter que masculinizou a raça ibérica, que a fez forte como aço de Toledo, que a fez perpétua triunfadora contra os mouros de todos os tempos.

Oxalá os norte-americanos, realizadores do filme «El Cid», não comprometam a fisionomia do Herói. Se tal se verificar, o filme será outra «afrenta de Corpes». Pena que esse filme não venha à terra donde escrevo.

Inhambane, 16 de Junho de 1962

Joaquim de Montezuma de Carvalho

Um velho problema

Continuação da primeira página

por isso pedimos para eles o apoio que lhes permita corrigir deficiências aceitáveis, afinal surgidas em ordem a um marasmo que terá de se vencer mediante obra coesa, sequente, profunda, e nunca por via de cavalheirescos rasgos desacompanhados. Isto sem deixar-mos de reconhecer que mais vale a solidão humilde do que o enfeudamento a determinados compromissos.

O que importa é obstar a que um escol de gebos — os analfabetos de carteira gorda, os capitalistas de alma suja, os plumitivos de caneta vendida e os fazedores de fitas lorpas — delirem com o quase-insucesso duma tentativa honesta, colhendo nele as forças de que necessita para nos servir os habituais disparates. Estamos fartos de tal gente!

★

Em 12 de Maio findo, publicamos nestas colunas alguns breves comentários a certa actividade da Fundação Calouste Gulbenkian, sugerindo que fosse iniciado um trabalho de divulgação cultural junto das camadas menos favorecidas. Ora, acaba precisamente de nos constar que a Gulbenkian encara a possibilidade de conduzir o nosso cinema ao apetecido nível, oferecendo-lhe os meios de que carece para se libertar das dependências em que tem vivido.

Não garantimos a legitimidade da notícia. Mas, de qualquer forma, surge-nos como lógico e viável o mecenato em questão, que correntemente entroncaria numa obra desenvolvida com apreciável clareza de propósitos.

«Dom Roberto» custou aos que o produziram uns irrisórios 900 contos.

Julgamos despiciendo enumerar as limitações que tão exígua quantia obrigatòriamente impôs. E, portanto, ousamos proclamar bem alto que Ernesto de Sousa poderia ter obtido um filme diferente, um filme superior, se lhe houvessem concedido o único auxílio que aceitaria — o nobre e honrado auxílio dos que são capazes de dar apenas por amor da Arte.

Jorge Mendes Leal

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Notário — Licenciado Joaquim Tavares da Silveira.

Certifico, narrativamente, que por escritura de vinte e dois de Maio de mil novecentos sessenta e dois, de folhas quarenta e quatro, verso, do livro de escrituras diversas número cento e quatro-B —, foi dissolvida a sociedade por quotas, de responsabilidade limitada sob a firma «MARILENA & CAMPOS, LIMITADA», com sede nesta cidade de Aveiro, não havendo activo ou passivo a partilhar.

É certidão narrativa parcial que vai conforme ao original a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, cinco de Junho de mil novecentos e sessenta e dois.

O Ajudante de Secretaria,

Raúl Ferreira de Andrade

INCRÍVEL O QUE SE PASSA NO NOSSO BASQUETEBOL

Nota do DR. LÚCIO LEMOS

Lemos, há dias, num jornal desportivo um resumo do que se passou na última reunião do Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol cujo objectivo consistia não só em analisar alguns recursos de protestos de jogos — e não eram 2 ou 3 mas uma boa dezena!! —

Como ainda, de acordo com os elementos fornecidos pelas Associações Regionais, se escolher o futuro elenco do Conselho Técnico da F. P. B., dado que o último apresentou o seu pedido de demissão.

Francamente, ficámos espantados com essa leitura.

É que, apesar do interesse que essa reunião suscitava não apenas pelo facto de se tratar da resolução definitiva de resultados de jogos, alguns deles directamente ligados a títulos regionais ou nacionais, como ainda pela necessidade imperiosa de constituir o novo Conselho Técnico federativo, legalmente, só duas Associações «assentaram» nos bancos da Federação — Lisboa e Setúbal.

Coimbra, Aveiro, Porto, etc., primaram pela ausência, uma ausência lamentável e injustificável, na medida em que os problemas a debater se revestiam do maior interesse geral (caso da escolha dos elementos para o futuro Conselho Técnico) e particular (resolução definitiva de protestos de clubes pretencentes a Associações algumas delas ausentes).

Absolutamente incrível o que se passa actualmente com o Basquetebol Nacional. Porquê tal estado de coisas? Porquê tanto desinteresse por uma modalidade riquíssima de benefícios prestados em prol duma juventude melhor?

Talvez a tal desorganização desportiva de que somos mestres — e «onde há desorganização todos ralham e ninguém tem razão» — esteja na base desse desinteresse injustificável. Têm a palavra os dirigentes. Melhor do que eles, ninguém poderá explicar casos incríveis como este do último Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol.

TORNEIO JUVENIL

Com o objectivo de forjar novos hoquistas, e a exemplo do que já realizou em 1960, a Secção de Hoquei em Patins do Clube dos Galitos vai promover o seu II Torneio Juvenil — reservado a moços atletas dos 12 aos 16 anos.

As inscrições encontram-se abertas até 25 de Julho, podendo efectuar-se no Rinque do Parque (segundas e quartas-feiras, das 21,30 ás 23 horas) ou na sede Clube (todos os dias úteis a partir das 18 horas).

Andebol de 7

CAMPEONATO DISTRITAL

SANJOANENSE, 14
BEIRA-MAR, 14

Jogo no Pavilhão de Desportos, de S. João da Madeira, na passada terça-feira.

Sob arbitragem do sr. José Pauseiro, os grupos apresentaram:

Sanjoanense — Lopes; Almeida, Azevedo, Lagoa 8, Barata, Aureliano 2, Toni 4, Veloso, Ribeiro e Licínio.

Beira-Mar — Maia; Alfredo 2, Picado 2, Lé 1, Gamelas 4 Paulo 1, Domingos Cerqueira 3, Luís Olinto 1 e Alfredo.

1.ª parte: 3-5. 2.ª parte: 11-9.

Marcha do resultado — 0-1, Gamelas; 1-1, Lagoa; 1-2, Domingos Cerqueira; 2-2, Toni; 2-3, Picado; 2-4, Gamelas; 2-5, Luís Olinto; 3-5, Toni; 4-5, Aureliano; 5-5, Aureliano; 5-6, Paulo; 6-6, Toni; 6-7, Alfarelos; 7-7, Lagoa; 7-8, Domingos Cerqueira; 8-8, Toni; 8-9, Gamelas; 8-10, Domingos Cerqueira; 8-11, Alfarelos; 9-11, Lagoa; 9-12, Picado; 10-12, Lagoa; 10-13, Lé; 11-13, Lagoa; 12-13, Lagoa; 13-13, Lagoa; 13-14, Gamelas; e 14-14, Lagoa.

Sem nunca se encontrarem em desvantagem na marcação, os beiramarenses tiveram de se contentar com um empate, ante uma Sanjoanense deveras aguerrida, que se *esfarrapou* para concluir a prova com um triunfo.

•

Mercê da suspensão de 30 dias que a Associação de Andebol de Aveiro aplicou ao Amoníaco, por esta equipa efectuar um desafio, sem a autorização regulamentar, com o Futebol Clube do Porto, os estarrejenses perderam, por falta de comparência, o encontro que lhes faltava realizar, com o Espinho.

Desta forma, a tabela de classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
A. Vareiro	12	10	—	2	170-108	32
Espinho	12	9	1	2	119-87	31
Amoníaco*	12	7	—	5	120-110	25
Beira-Mar	12	5	2	5	133-112	24
E. Livre	12	5	2	5	149-157	24
Avanca	12	2	—	10	109-152	16
Sanjoan.	12	1	1	10	98-172	13

* Tem uma falta de comparência

FUTEBOL

Torneio de Competência

Em sequência da passagem do Vitória de Setúbal à final da Taça de Portugal — um novo contratempo para os federativos, que, por certo, *totobolizavam* pelo Belenenses... — o Torneio de Competência ainda não será amanhã reatado.

O atraso, determinado agora pela efectivação do prélio da final, entre os setubalenses e o Benfica, vai necessàriamente ter reflexo na marcha do torneio — já que, para ele finalizar em 22 de Julho, como se pretende, será necessário marcar para dias de semana duas jornadas.

Sem que, oficialmente, hajam sido afixadas as datas para o reatamento e para as futuras jornadas do Torneio de Competência, crendo, todavia, que a prova recomeçará em 8 do mês que amanhã principia.

O Benfica na Vista-Alegre

Na segunda-feira, e dentro do programa das tradicionais festas de Nossa Senhora da Penha de França, deslocou-se à Vista-Alegre uma *reserva* do Benfica (de que faziam parte alguns bi-campeões da Europa!), que defrontou o grupo local (reforçado com reservistas do Beira-Mar e um elemento do Mortágua).

Sob arbitragem do sr. Manuel Valente, os grupos utilizaram:

VISTA-ALEGRE — José Alberto (Calisto); Fradinho, Claudino e Neto; Amândio (Dido) e Ribeiro; Raimundo, João Carlos, Calisto (Correia), Vítor e Paulino.

BENFICA — Ramalho (Zeca); Sidónio, Saraiva (Pinto) e Humberto (Maximiniano); Neto e Espírito Santo (Amândio); Calado, Santana (Nartanga), Torres, Mendes e Angeja.

Os lisboetas ganharam por 9-1, com 5-0 ao intervalo. Autores dos tentos: Torres (6), Mendes (2) e Calado, pelo Benfica; e Vítor, pelo Vista-Alegre.

Jogo nocturno em A'gueda

Na passada quarta-feira, num prélio amigável efectuado em A'gueda, o Recreio inaugurou a iluminação do seu campo, derrotando por 3-2 (2-1 ao intervalo) o grupo do Alba.

DESPORTOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Da minha janela ...

Longe, embora, desta cidade que nos cativou nos verdes anos, naqueles em que a mocidade tudo dá sem nada exigir em troca, não ficamos indiferentes aos seus problemas relacionados com o desporto. Sentimos dentro de nós, como chaga em peito aberto, a saudade de tantos e tantos anos — ao todo uma vintena — a chamar-nos constantemente. E foi por isso que lembramos três acontecimentos ao acaso e que, pela nossa permanência perto do coração do Ribatejo, mais pròpriamente no Entroncamento, nos pareceram autênticos *fenómenos!...* Bem vistas as coisas, não o serão, mas, a saudade mata a gente — como dizem os nossos amigos Brasileiros — e daí...

1 Segundo a crítica mais exigente, e até pela opinião da respectiva Comissão Central de Árbitros, o trio Francisco Guerra, Clemente Henriques, e Abel da Costa forma o conjunto de árbitros de futebol mais regular, portanto, com melhor coeficiente de boas provas na sempre difícil arte — porque não arte? — de dirigir jogos de futebol. Nós, talvez por os conhecermos a todos mais ou menos de perto, e por os considerarmos verdadeiros desportistas que o foram e o são de facto, congratulamo-nos por, pùblicamente, vêr-mos o seu trabalho apreciado pelos verdadeiros mentores do futebol.

Acontece, porém, que, dos três, nem um se tem salvado nas suas actuações, perante o mais que exigente público que frequenta, normalmente, o «pelado» de Mário Duarte.

Razões?! — São de variadíssima ordem, e, invocadas por uns tantos, têm o pequeno ou grande defeito, como quiserem, de pertencerem à Comissão Distrital de Árbitros do Porto!

Não pretendemos defender quem quer que seja, mas parece-nos que o exigente público aveirense está a exorbitar na apreciação aos referidos árbitros. Não que aqui ou ali não exista a sua razão de queixa; porém, a dizer-se que esses homens são contra o *Beiramarzinho*, vai uma grande distância. Já vimos actuar os referidos homens do apito, quer em conjunto, quer integrados em equipas diferentes no Estádio de Mário Duarte. Nunca vimos, francamente, na sua actuação, propósito de prejudicar, ostensivamente, os amarelo-negros. Antes pelo contrário, e recorda-nos a actuação do Snr. Clemente Henriques, um dos famijerados, que salvou, recentemente, o Beira-Mar do empate perante o Braga, assinalando prontamente um fora de jogo por indicação, quanto a nós bárbara, do juiz de linha do lado da bancada...

O próprio Abel da Costa, de quem tanta gente se queixa, dirigiu de forma ambígua para o Campeonato Nacional há pouco findo, o jogo que os «leões» de Alvalade tanto lamentaram...

Mais, Francisco Guerra, o grande atleta do F. C. do Porto na modalidade de Andebol, teve autoridade suficiente para se impor ao jogo súcio e matreiro, dum ou outro elemento do Sp. da Covilhã, no encontro da 1.ª volta do Nacional.

Aonde, pois, essa perseguição contra os aveirenses?

Nós, se nos permitem, preferimos mais encontrar o erro nas deficientes actuações dos vários atletas beiramarenses do que pròpriamente nos árbitros.

Claro que não será por deficiência técnica; mas, antes por mérito do adversário ou por quaisquer outras razões, o certo é que a própria equipa do Beira-Mar — como aconteceu, flagrantemente, com o Braga — tem sido, por vezes, demasiado inoperante para resolver os pleitos tranquilamente.

É claro que há sempre a desculpa do mau trabalho dos árbitros e aqui reside, quanto a nós, o fenómeno corriqueiro, mais à mão, para justificar desaires imperdoáveis e aborrecidos.

Não desanimem, contudo, os adeptos do «glorioso» Beira-Mar. A desculpa não é apanágio vosso, pois se até os próprios checoslovácos a invocaram a quando da sua recente derrota frente aos *malabaristas* brasileiros na final do Campeonato do Mundo!!!

2 O Feirense, aquela equipa simpática das Terras de Santa Maria, está um tanto contra as previsões gerais, na I Divisão do Nacional de Futebol.

Continua na página 5

XADREZ DE NOTÍCIAS

Na Comissão Distrital dos A'rbitros de Futebol de Aveiro, hoje (pelas 16 horas) e amanhã (pelas 9 horas) realizam-se provas de exames de 14 candidatos a árbitro.

Por ocorrências diversas quando da realização, em Ovar, do jogo Atlético Vareiro — Amoníaco, a Associação de Andebol de Aveiro castigou os jogadores Guilherme e Madureira, do Amoníaco, com 5 e 2 jogos de suspensão, respectivamente; e puniu, também, com 30 dias de suspensão, o treinador da turma estarrejense, Armindo Teto.

Em Coimbra, o Sport perdeu com o Minas (1-2), em desafio do Campeonato do Centro, em hóquei em patins.

A prova conclui-se, amanhã, com um jogo decisivo para a atribuição do título — Termas — Sport — em S. Pedro do Sul.

Na Madeira o Feirense ganhou o primeiro encontro que ali disputou, pelo score de 3-1, ante o Marítimo do Funchal.

Jurado, que não alinhou contra o Sporting de Braga, por se encontrar lesionado, já esta semana retomou a sua preparação.

Também participou nos últimos treinos do Beira-Mar o guarda-redes Pais, do Boavista.

Continua na página 5